

WATERGATE NÃO ABALOU ECONOMIA

Nos EUA, confiança na estabilidade resistiu à queda de Nixon.

Os Estados Unidos viveram uma recessão ao longo do ano e meio do escândalo **Watergate**, em 1973/74, mas a crise política que levou à renúncia do presidente Richard Nixon — “a maior queda que a humanidade conheceu desde Lúcifer”, segundo o jornalista James Reston — não agravou a situação econômica. Praticamente só a Bolsa de Valores caiu, mas recuperou-se às vésperas da renúncia, em agosto de 74. Em novembro de 73, Nixon falou de crise econômica para os norte-americanos, mas o significado prático foi apenas limitar a 80 km/h a velocidade dos carros e a 20°C a temperatura dos aquecedores.

Nixon esperneou e disse que não renunciaria, mas quando percebeu que seria apanhado pelo **impeachment**, pedido nas ruas pela central sindical AFL-CIO, antecipou-se e passou o poder para seu vice, Gerald Ford — que acabara de assumir em substituição a Spiro Agnew, o vice que renunciara por envolvimento com o escândalo. Explicação para o comportamento da economia norte-americana: qualquer que fosse o presidente, as regras seriam mantidas.

Entre 15 de fevereiro e 21 de maio de 1981, porém, a França perdeu US\$ 10 bilhões em reservas cambiais por conta de uma guinada política: acabava de ser

eleito presidente o socialista François Mitterrand, com um programa de estatização de empresas e bancos e de aceitação do déficit público, para gerar crescimento a curto prazo.

A fuga da poupança, admitida pelo próprio Mitterrand, mostrou que nas crises o dinheiro vai para a Suíça. “A política de nacionalização e de aumento do emprego tornou os franceses mais pobres”, observa o presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo, Geraldo Gardenalli. “Após a fuga de capitais, Mitterrand teve que recuar.”

A fuga de capitais é o sinal mais perigoso de desconfiança, e ocorreu durante 40 anos na Ar-

gentina de Perón, dos militares e de Alfonsín. Crise política e má administração econômica sucatearam o parque industrial, mas vencida a inflação com o Plano Cavallo, o presidente Carlos Menem sobreviveu a uma sucessão de escândalos: o **Olivogate**, envolvendo a ex-cunhada do presidente, Amira Yoma; suspeitas sobre seu filho e seu irmão; e suas relações com Maria Julia Alsogaray, interventora na En-tel. O presidente chegou a ter seus bens embargados, mas, com a inflação em 20% ao ano, ganhou as eleições e acumulou prestígio. O país acertou-se com os credores e volta a atrair investimentos. (F.P.J.)